

**PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA: A CONTRIBUIÇÃO DO
PIBID PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES-AUTORES**

***SOCIAL PRACTICES OF READING AND WRITING: THE CONTRIBUTION
OF PIBID TO THE TRAINING OF STUDENTS READERS-AUTHORS***

***PRÁCTICAS SOCIALES DE LECTURA Y ESCRITURA: LA CONTRIBUCIÓN
DEL PIBID A LA FORMACIÓN DE ESTUDIANTES LECTORES-AUTORES***

Carolina Lima Chagas
lima_carolina88@yahoo.com.br
Mestra em Serviço Social pela UFRJ
Universidade do Estado da Bahia

Zoraide Magalhães Felício
feliciozoraide@gmail.com
Mestra em Estudos de Linguagens Discurso e Sociedade pela UNEB
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

A presente pesquisa parte da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Letras, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB IX), entre os anos de 2018 – 2020. O trabalho objetivou discutir as contribuições do Programa para o desenvolvimento de práticas sociais no contexto escolar, considerando ainda a efetivação da leitura e da escrita dentro da sala de aula. A metodologia utilizada partiu de uma pesquisa bibliográfica e documental, baseada na discussão dos documentos do PIBID e de uma obra literária da escritora Carolina Maria de Jesus, de autores que discutem práticas sociais, bem como das experiências pessoais vivenciadas ao longo das atividades de aprendizagem à docência. Os resultados alcançados apontaram que o PIBID contribuiu de forma significativa não só para a formação de professores mais qualificados, como também para a vida dos alunos da escola parceira e a relação deles com o ambiente escolar e a literatura brasileira.

Palavras-chave: Práticas sociais. Leitura e escrita. PIBID.

ABSTRACT

The present research starts from the experience lived in the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in the course of Letters, of the State University of Bahia (UNEB IX), between the years 2018 - 2020. The work aimed to discuss the contributions of the Program for the development of social practices in the school context, also considering the effectiveness of reading and writing within the classroom. The methodology used came from a bibliographical and documentary research, based on the discussion of PIBID documents and from a literary work by the writer Carolina Maria de Jesus, from authors who discuss social practices, as well as from personal experiences lived through the learning activities at teaching. The results achieved showed that PIBID contributed significantly not only to the formation of more qualified teachers, but also to the lives of students at the partner school and their relationship with the school environment and Brazilian literature.

Keywords: Social practices. Reading and writing. PIBID.

RESUMEN

Esta investigación se basa en la experiencia del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Enseñanza (PIBID), de la Universidad del Estado de Bahía (UNEB IX), entre los años 2018 - 2020. La labor tenía por objetivo examinar las contribuciones del Programa al desarrollo de las prácticas sociales en el contexto escolar, considerando también la eficacia de la lectura y la escritura en el aula. La metodología utilizada partió de una investigación bibliográfica y documental, basada en la discusión de los documentos del PIBID y una obra literaria de la escritora Carolina María de Jess y de autores que discuten las prácticas sociales, así como las experiencias personales vividas durante las actividades de aprendizaje y enseñanza. Los resultados obtenidos mostraron que el PIBID contribuyó de manera significativa no sólo a la formación de profesores más cualificados, sino también a la vida de los estudiantes en la escuela asociada y a su relación con el entorno escolar y la literatura brasileña.

Palabras clave: Prácticas sociales. Lectura y escritura. PIBID.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto de uma experiência vivida e compartilhada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB IX). Esse Programa englobou vinte e quatro bolsistas de Letras e promoveu a integração dos alunos com o ambiente escolar, por meio da atuação de práticas docentes supervisionadas.

O projeto vinculado ao PIBID intitulou-se “O multiletramento na formação docente” e foi coordenado pela professora Zoraide Magalhães Felício. Essa vivência teve início no ano de 2018, a partir da parceria entre a UNEB com uma escola campo da rede estadual da cidade de Barreiras. A experiência ali construída teve o intuito de inserir os futuros docentes na prática profissional, ao aliar a teoria desenvolvida no âmbito acadêmico com a realidade escolar.

Para além dessa proposta de inserção, surgiu uma questão fundamental, que norteou o trabalho da coordenadora, das supervisoras e dos bolsistas¹, ao longo da vivência na escola: como conseguir desenvolver uma cultura de alunos leitores? Essa resposta foi (re)construída com o esforço de todos, considerando os desafios (universais e particulares) do ensino público brasileiro e também da realidade de grande parte dos alunos que nós tínhamos: desmotivados, sem hábitos de leitura e escrita, com dificuldades educacionais básicas significativas, com problemas voltados para as expressões da questão social², alunos trabalhadores, discentes que têm filhos, entre outras questões.

¹ A coordenação era formada por uma professora do corpo docente da UNEB. As supervisoras eram três professoras concursadas da rede estadual de ensino e faziam parte da equipe da escola núcleo. Os bolsistas eram todos oriundos do curso de Letras, da UNEB IX.

² Yamamoto (1999) define “Questão Social” como “o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade” (IAMAMOTO, 1999, p. 27).

Sendo assim, alguns objetivos foram traçados para o trabalho no PIBID, a fim de contemplar práticas sociais de letramento e multiletramento, leitura e escrita e atuação docente na realidade da escola básica. A partir dessa inserção e da certeza de que as transformações traçadas naquela escola não poderiam ficar esquecidas, surge o presente artigo, sob o título “Práticas sociais de leitura e escrita: a contribuição do PIBID para a formação de alunos leitores-autores”.

A partir do exposto, o estudo busca refletir sobre as práticas sociais e de produção de leitores na realidade do PIBID. Parte-se do princípio de que essa abordagem favorece e efetiva uma proposta de educação diferenciada, promovendo a construção do conhecimento e da aprendizagem, e fomentando no aluno um novo olhar sobre os livros e a literatura.

Assim, a justificativa deste estudo decorre da própria conjuntura atual, que forja um cenário conturbado para a realidade educacional do país. Em primeiro lugar, destacam-se os constantes ataques sofridos pela Educação, de uma maneira geral: as confusões em torno do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); o fomento aos nichos de pesquisa, com o estímulo a uma formação tecnológica (para a “massa” de trabalhadores), voltada, portanto, para o mercado de trabalho; o ensino domiciliar; a expressiva expansão do Ensino à Distância; a ausência de concursos públicos e a precarização do trabalho docente e das escolas públicas, entre outras questões.

Em segundo plano, mas não menos importantes, estão os encaminhamentos governamentais contemporâneos, acerca das bolsas de pesquisas para alunos e pesquisadores. Apesar de não haver disparidade no atual edital do PIBID de Letras (UNEB IX), no que diz respeito ao edital anterior, verifica-se que o ano de 2019 aprofundou o desmonte do processo de corte de bolsas, concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPQ). Esses ataques da atual gestão brasileira conduzem ao aprofundamento da precarização da educação e da vida da classe trabalhadora.

Além disso, o estudo aqui desenvolvido justifica-se ainda pela necessidade de discorrer acerca de novas práticas no fazer pedagógico, a fim de estimular os alunos, proporcionando a busca de autonomia, a crítica, a reflexão e o protagonismo. Isso favorece o desenvolvimento de um lugar de possibilidades relacionais que acolham o aluno, que enxerguem suas diferenças, potencialidades e dificuldades, considerando que cada um aprende a seu modo e no seu tempo, conforme salientam Tunes e Tacca (2005).

A metodologia utilizada incorpora o estudo teórico de autores que discorrem sobre educação e práticas sociais e de leitura e escrita, dos documentos do PIBID, bem como é composta pelas experiências vivenciadas ao longo da inserção no Programa. Ademais, inclui uma obra literária de caráter documental, baseada nas experiências e relatos da autora Carolina Maria de Jesus, sob o título *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Assim, considera-se que o contexto escolar é marcado por seres diversificados, que possuem singularidades no seu processo formativo e pessoal. Nesse sentido, compreende-se que as práticas sociais constituem-se enquanto a busca por formar leitores – críticos, criativos, reflexivos e conscientes –, a partir da mediação docente. Sobre isso, é possível afirmar que:

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos, a coletividade se construam. Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar,

agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los (OLIVEIRA et al, 2009, p. 6).

Dessa forma, evidencia-se que, tal como defende Soares (2007), os processos de letramento escolar funcionam a partir da prática social, do uso social da palavra. Entende-se que “a prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto” (Resende; Ramalho, 2006, p. 28). Assim, compartilha-se da seguinte afirmação:

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que deles fazemos, orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma *práxis* que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos. As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele. [...] é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (COTA, 2000, p.211).

Nessa perspectiva, identifica-se que é necessário aplicar a leitura e a escrita na prática cotidiana do aluno. Isso porque, ao partirmos do conhecimento estabelecido dentro do âmbito interativo de sala de aula, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais significativo. Logo, a educação possui um papel fundamental para os alunos, na medida em que a escola funciona enquanto um espaço de formação humana e integral dos seres. Seu papel dialético³ deve considerar ainda que esse é um lugar de transformação social, e que precisa ter

³ É importante frisar que a dialética educacional visa efetivar a discussão na interação, a arte dialógica. Logo, observa-se que a educação sempre terá um papel político e transformador, capaz de garantir e manter o *status quo*, como também de alterá-lo. De acordo com a teoria marxista, a educação funciona enquanto um aparato de poder, de interesses políticos e econômicos. E são os interesses da classe dominante que irão ditar os rumos da educação de uma sociedade, com o objetivo de manter “[...] valores e conceitos como as instituições existentes, para impedir que os homens cedam à tentação de querer mudar o regime social vigente” (KONDER, 1990, p. 9).

uma participação efetiva de todos os sujeitos que ali estão inseridos, contribuindo para a formação de cidadãos ativos, críticos e conscientes da realidade social, econômica, política e cultural. No que diz respeito à educação brasileira, verifica-se que grande parte está à margem dessa realidade e fica excluída de vivenciar práticas sociais educacionais fundamentais. Diante disso, observa-se que:

Práticas sociais definem maneiras particulares de ação, e embora os eventos reais possam, mais ou menos, diferir dessas definições e expectativas (porque eles perpassam diferentes práticas sociais e também por causa dos poderes causativos dos agentes sociais), eles ainda são, em parte, moldados por práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22).

E, dessa maneira, a teoria desenvolvida por Fairclough, segundo Resende e Ramalho (2006), irá incorporar os seguintes aspectos, considerando as práticas sociais: “ideologia, sentidos, pressuposições, metáforas, hegemonia, orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas” (Resende; Ramalho, 2006, p. 28). Dessa forma,

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al, 2009, p. 4).

Apesar de a escola se configurar enquanto um espaço que abarca a diversidade e fomenta o respeito à pluralidade, ainda hoje ela prima pela valorização da língua escrita, pautada na norma, em detrimento da língua oral e das diferentes possibilidades de variações linguísticas. Por outro lado, é preciso considerar a concepção de que as práticas sociais englobam um conjunto muito

maior, no que diz respeito à inserção do indivíduo em uma comunidade, no exercício de sua prática cidadã. Logo, acerca das práticas sociais,

Cabe salientar que elas se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: - repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; - suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; - buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; - controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; - propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; - garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; - corrigir distorções e injustiças sociais; - buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; - pensar, refletir, discutir e executar ações (OLIVEIRA et al, 2009, p. 5).

No que tange ao aspecto da promoção da cultura leitora no contexto escolar, é importante elucidar que o termo “práticas sociais” precisará nortear todo o trabalho entre professor e alunos. Logo, a bagagem dos diferentes tipos de conhecimentos trazidos pelos alunos, que está vinculada aos novos tempos, de um mundo cada vez mais acelerado, não pode ser desprezada. Nesse contexto, essa palavra pressupõe o uso da escrita para o mundo, para todas as situações cotidianas e de vida. O processo educacional e de formação do ser se dá no convívio com outras pessoas, logo:

Práticas podem ser vistas como articulações de diferentes tipos de elementos sociais associados com áreas particulares da vida social – a prática social de ensino em sala de aula na educação britânica contemporânea, por exemplo. O ponto importante acerca das práticas sociais da perspectiva deste livro é que elas articulam o discurso (enquanto linguagem) juntamente com outros elementos sociais não-discursivos. Podemos ver qualquer prática social como uma articulação destes elementos: Ação e interação; Relações sociais; Pessoas (com crenças, atitudes, histórias etc.); O mundo material; Discurso (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22).

Nesse processo de articulação das práticas escolares com a vida social do aluno, evidencia-se a necessidade de pensar a escola como o lugar de formação para a vida. A partir dessa abordagem diferenciada, torna-se possível fomentar novas estratégias em sala, bem como a ressignificação desse espaço, tão importante para a inserção social dos seres e suas possibilidades futuras.

Ao considerar que, conforme afirmam Netto e Braz (2006), a realidade é construída socialmente, bem como o conhecimento, a interação dos sujeitos com os livros dentro do ambiente da sala de aula (e para além dela), demonstra uma determinada particularidade desse espaço. Logo, as práticas sociais são uma ferramenta estratégica, capaz de trazer a escola para todo e qualquer aluno, independentemente de suas particularidades. Assim, o discente precisa ver que, tal como salienta Freire (1967), a leitura e a escrita são mecanismos de poder no cenário social brasileiro, e que, além disso, ele pode e deve ocupar os espaços sociais diversos, dentro das universidades e lugares de promoção do conhecimento.

De acordo com Forti e Guerra (2010), ao se considerar que teoria e prática são indissociáveis, verifica-se que as práticas sociais permitem uma reinvenção do fazer educacional, possibilitando ainda a criação de um ambiente de maior vínculo e interação com a proposta de ensino e com os demais colegas, e promovendo a aprendizagem dos sujeitos (alunos da escola parceira do PIBID).

Segundo Rojo (2013), a realidade da escola brasileira atual lida com algumas especificidades, no que tange o processo de leitura, uma vez que a tecnologia e os novos gêneros implicam análises e compreensões multissemióticas e multimodais. Logo, o aluno precisa desenvolver novas habilidades de leitura e escrita e, para a autora, os sentidos da leitura só podem ser atribuídos se considerarmos que não há mais ruptura e nem fronteiras entre os interlocutores (produtores e leitores), o que implica e favorece a construção

de alunos ativos, que escrevem e leem nas redes (como na construção do hipertexto), assumindo o papel de leitor-autor. Dessa forma, é impossível dissociar leitura e escrita.

As identidades multifacetadas e heterogêneas, da vida pessoal dos sujeitos inseridos na escola, devem ser observadas. Conforme afirma Rojo (2013), as culturas híbridas, que englobam a diversidade para a coesão, da leitura crítica do mundo, contribuem para a formação na alteridade e na necessidade de formar conhecimento, por meio de diferentes perspectivas, que considerem o aluno (e suas especificidades) como o ser mais importante do processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de efetivar práticas sociais e de promover os discentes em leitores-autores como sujeito da sua aprendizagem, o trabalho em sala de aula na experiência desenvolvida no PIBID, buscou atuar por alguns caminhos importantes, entre os anos de 2018 – 2020. O primeiro movimento foi pensar em uma *práxis* que pudesse, de fato, abarcar a realidade social dos alunos da escola parceira, bem como suas vivências anteriores, aquilo que contemplasse o “seu mundo”.

A tarefa dos bolsistas do PIBID, no início, foi essa: era preciso fazer com que os alunos lessem. As discussões levaram a equipe do programa a pensar em uma forma de atuação: por meio de livros literários. Mas para que isso desse certo, ainda que como uma hipótese incerta, seria necessário aliar aprendizagem com o dia a dia dos discentes da escola estadual de Barreiras.

E como foi feito isso? Com a escolha de um livro que não só “chegasse até eles” como também tivesse uma voz universal e importantíssima: pelos

escritos de Carolina de Jesus. Essa autora foi o nosso fio condutor, usada por quase todos os pibidianos e recebida com boa aceitação pelas professoras da rede do Estado e pelos discentes da escola. Esta literatura favoreceu o envolvimento e a participação dos alunos, o que promoveu uma verdadeira revolução, com a leitura em conjunto, debates, discussões, releituras, apresentações, por meio de participação ativa dos alunos.

Levamos alguns poemas, escolhemos outros autores sobre literatura marginal e periférica (a exemplo de Geovani Martins e Ferréz), fizemos a semana da consciência negra, entre algumas outras atividades. Líamos fragmentos de obras e ouvíamos relatos assustadores que mesclavam a ficção dos textos e a realidade nua, crua, tão próxima e real aos alunos da instituição parceira.

Na busca de desenvolver práticas sociais de leitores-autores capazes de fomentar transformações, mudar estruturas, consciências e que possibilitassem ver a escola como um espaço de cultura, de humanidade e de ressignificação, Carolina de Jesus foi o nosso norte, o nosso ombro amigo e doído. Escolhemos a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e, quando chegamos à parte em que Carolina sofria, por não ter como comprar um sapato para Vera Eunice, sua filha, houve uma aluna que chorava e quis falar, pois essa história também era dela. Essa história era nossa.

Jesus (2014) traz um relato marcante e dolorido sobre a sua realidade de catadora de materiais recicláveis, a mulher-mãe, a mulher-negra, a mulher-escritora. Seu livro, em forma de diário, mostra a vida da moradora da favela do Canindé (São Paulo), os processos de violência que permearam a sua vida e de seus três filhos, a condição da favela como o lugar de despejo do “lixo”, do ser animalizado, dos processos de miséria humana. Ela retrata também o poder da literatura, da escrita: ora como fuga do real, ora como o que a mantém viva e,

por fim, a possibilidade da sua reinvenção, na grande escritora que foi e que sempre será.

Além disso, é preciso mencionar os relatos de fome, que perpassaram o livro e a nossa realidade. Percebíamos certo acanhamento nesse quesito, quando discutíamos a fome. E ela perpassa a obra de Jesus (2014) do início ao fim. Acreditávamos que esse assunto renderia um pouco mais, mas os alunos sempre ficavam presos aos relatos do livro. É difícil falar sobre a fome em um país como o nosso. Até que um dia, dentro da sala, uma aluna passou mal e um de seus amigos acabou revelando o motivo. Esse mal indevido que nos persegue, na contramão de um país tão rico e produtor de tanta coisa.

Foi impressionante o engajamento dos meninos, o envolvimento com as coisas que Jesus (2014) dizia e como ela dizia. No momento em que líamos “que a fome também é professora”, víamos os olhos preocupados, a realidade e a ficção mescladas. Quando discutimos a violência urbana e contra a mulher, os relatos reais dos alunos eram sempre assustadores.

Em uma das ocasiões, a disciplina de Redação, na turma do primeiro ano, revelou o que a realidade social também mostra cotidianamente. Os alunos precisavam relatar uma situação de perigo. O que chamou bastante atenção foram os textos das meninas, marcados, quase que por unanimidade, por momentos de violência contra a mulher, ou ainda de casos que quase foram – um estupro, uma perseguição, uma possível morte. Após a leitura individual, levamos isso para o debate, não mencionando nenhuma das identidades e suas histórias específicas, mas ressaltando o quanto essa violência e todas as suas manifestações, de maneira universal, precisam ser revistas e refletimos sobre o nosso papel importante e ativo, enquanto sujeitos sociais (de coibir, amparar, cuidar e nunca compactar com nenhuma prática tão execrável).

RESULTADOS

Após os momentos de leituras e debates, que envolveram a obra de Jesus (2014), como também outras, houve a realização da prática de escrita. Os discentes da escola parceira desenvolveram, inspirados nas interações anteriores, *Raps*, escreveram livros de contos artesanais, desenvolveram uma oficina de bonecas *Abayomi*, apresentaram declamações de poemas, fizeram uma releitura do poema *Vozes-mulheres*, de Evaristo (2017), em forma de desenho que ficou sensível, dolorido e brilhante.

Como resultado da semana da Consciência negra (dos anos de 2018 e 2019), que mesclou arte, cultura, leitura, reflexão, crítica e história, uma página foi criada no Instagram, a fim de expor todo o material desenvolvido para essa culminância. A escola tomou novas formas, cores, os alunos participaram ativamente de toda a dinâmica proposta e trouxeram novas. Criaram arte, ampliaram linguagens. E com certeza formas de consciência, valores, posicionamento diante de situações diversas, representação e significação de mundo foram alteradas de forma positiva na vida de todos os envolvidos nesse programa.

O resultado social dessa experiência de leitura e escrita também favoreceu para efetivar relações de humanidade no ambiente escolar, a ressignificar olhares e práticas. A mudar alunos, pibidianos e os professores da escola envolvida com o Programa. Todos avaliaram com muita positividade esse processo interativo, como o caminho profícuo para consolidar práticas relacionais mais humanas e práticas educacionais críticas, reflexivas, que repensavam ideologias e conflitos.

No que tange ao aspecto primordial do PIBID, sobre a questão da formação de alunos leitores-autores, vale salientar o quão positivamente os alunos aderiram aos estímulos e ideias que foram propostos ao longo do trabalho na escola parceira. Um dos grandes momentos que tivemos foi fazer com que eles terminassem a leitura completa do livro de Jesus (2014). Pode parecer uma coisa pequena, mas para eles teve um significado muito importante, conseguir ler um livro inteiro, uma leitura que era feita em casa e também na escola. Líamos juntos, em grupos, em roda e eles gostavam, participavam, debatiam, refletiam e sentiam as palavras, perguntavam significados. Era motivador e inspirador. Os discentes não faltavam e esperavam ansiosamente para o próximo encontro.

Esse processo favoreceu para que a educação também tivesse um maior lugar de importância para os alunos da escola⁴, por compreenderem, de forma mais ampla, o passado histórico do Brasil e a necessidade de luta por consolidar uma nova história, capaz de modificar vidas e também de mudar a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ao longo do PIBID, buscou-se consolidar a prática social e de leitura e escrita por meio da literatura, considerando o processo diversificado da sala de aula e as possibilidades dialógicas ali presentes. Observou-se que os alunos se envolveram com as propostas sugeridas pelos bolsistas e o caminho para a atuação na docência foi muito gratificante, visto que

⁴ Sobre isso, é importante ressaltar o fato de que, em um dos nossos primeiros momentos na escola, a seguinte pergunta foi realizada, para os alunos da terceira série do ensino médio: qual é o curso que vocês querem fazer? Para a nossa surpresa, nem metade da turma pensava em cursar uma Universidade. Alguns só queriam trabalhar e outros estavam sem perspectivas após a escola. Esse dado foi bastante preocupante e acreditamos que o trabalho desenvolvido no PIBID, também favoreceu para a modificação desse cenário, visto que mais alunos repensaram a ideia da Universidade e houve um número significativo de aprovados nos vestibulares, no ano de 2020.

contávamos com o apoio irrestrito das supervisoras, bem como da coordenadora, que favoreciam nossa atuação em sala de aula, por meio de acompanhamentos efetivos e de formação docente (a partir de leituras e discussão de autores, promoção de oficinas, reuniões semanais, entre outras questões).

Assim, considera-se muito positiva a experiência desenvolvida ao longo do Programa. Esse momento serviu não só para consolidar uma atuação profissional mais profícua, como também contribuiu para uma nova relação dos alunos da escola parceira com a literatura. Portanto, a promoção dos leitores-autores fez com que o processo de ensino-aprendizagem fosse mais dinâmico, inspirador e motivador, uma vez que os alunos refletiam, liam, debatiam acerca das propostas e puderam consolidar suas interpretações, vivenciadas de maneira dialógica, ativa e crítica, ressignificando e reconstruindo o espaço da escola pública, a partir das práticas sociais desses sujeitos.

Se, por um lado tínhamos dificuldades para acessar o livro físico (o livro é caro e só conseguimos tirar quatro cópias para toda a escola), por outro lado, os alunos que tinham celulares leram a obra sugerida com afinco, pois ela foi disponibilizada em PDF. Assim, acredita-se que essa leitura e as demais atividades contribuíram para o caminho da alteridade, para produzir letramentos semióticos e novas experiências e olhares para o mundo.

Referências

COTA, Maria Célia. De Professores e carpinteiros: encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. In: **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 14, n. 27/28, p. 203-222, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda. Na prática a teoria é outra? In: **Serviço Social: temas, textos e contextos**. Coletânea nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; GONÇALVES E SILVA, Beatriz; GONÇALVES JÚNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida Victoria; JOLY, Ilza Zenker. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: **Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: Anais, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-5383-int.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROJO, Roxane (Org.). **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; JÚNIOR, Roberto dos Santos. **O professor e o ato de ensinar**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>. Acesso em: 15 jan. 2020.